

# O NÃO-SER DA MORTE E DE DEUS NA POESIA DE LÊDO IVO

Alamir Aquino Corrêa (UEL)

**RESUMO:** A morte e Deus parecem ser fundamentais em *A noite misteriosa* (Rio de Janeiro: Record, 1982) de Lêdo Ivo. Na confluência dos pensamentos trazidos à luz da lua, agredidos pela obsessão aterrorizante da noite, a vida sobrestá a morte, quando evidencia-se a certeza da felicidade através do não-ser da morte; neste momento delicado, aparentemente Deus também deixa de ser para não-ser, pois as coisas simplesmente manifestam-se, apenas e totalmente vida. O poeta acaba por demonstrar a existência de Deus pelo seu não-ser, entrega-se à vida, não carpediamente, pelo prazer de viver apesar do heideggeriano ser-para-a-morte. Há uma nítida consciência do dilema vida/morte e deus/homem, que se mostra sobretudo pela negação/afirmação, não só pela razão mas também pelo valor da emoção em descompasso com a lógica.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Lêdo Ivo, morte, Deus, não-ser, Noite Misteriosa.

O poeta, ficcionista e ensaísta Lêdo Ivo nasceu em Maceió em 1924. Talvez por isso, neste XIX encontro da ANPOLL, torna-se importante visitar sua poesia e encontrar o mistério da vida afirmado. A figura literária de Lêdo Ivo é incontestada, reconhecido por vários prêmios como Olavo Bilac (ABL), Cláudio de Souza (Pen Club do Brasil), Jabuti, Mário de Andrade e Juca Pato, e por pertencer à Academia Brasileira de Letras. Embora haja uma antologia organizada por Lúcia Helena, a crítica acadêmica tem se interessado mais por seu romance *Ninho de cobras* (Prêmio Walmap de 1973).

Entre suas obras de poesia, há um livro que parece ser um momento de intensa busca do homem enquanto ser, na compreensão da vida e das relações humanas. Texto delicado, acaba por firmar-se buscador de uma identidade do homem em relação a Deus e a Morte. A obra em tela, *A noite misteriosa*, está dividida em três partes praticamente iguais em número de poemas (“A Colheita”, “Todo Santo Dia” e “Vida de Sempre”), totalizando 98 poemas. Lêdo Ivo, à guisa de apresentação, discorre no início do livro sobre “A Visita da Noite”. Afirma desde o título o mistério da noite, momento de horizontalidades que dão origem a verticalidades – o estender dos corpos é o preparo para o vôo dos sonhos. O silêncio é quebradiço, pontado pelas manifestações das profundezas. Entre os insones, predominam os terrores e as obsessões. O desgaste da matéria, a que atribuirei a idéia aristotélica da *metabolê*, antecipa a morte, mas em tudo há uma absorção do que está ao redor. É mundo fronteiro, onde nada está definitivo:

“o poeta se sente dividido e inumerável” (5). A concepção da fronteira e a transposição de limites trazem à noite a qualidade do inexplicável, que absorve o que se conhece: o poeta “vagueia na fronteira onde sono e vigília se aliam para saquear o espólio deixado pelo dia, que é a grande morada dos homens” (5).

No conjunto dos poemas, parece haver uma preocupação essencial: o ser e o não-ser. O eu-lírico mostra-se desde o primeiro momento preocupado em afirmar o que é e o que não é – sua condição de compreensão de si mesmo é motivo de reflexão e sobretudo de comparação das constitucionalidades, através de um movimento pendular e opositor desta percepção: “Um homem que sonha é tudo o que não é / . . . / Se antes de dormir fecho o meu portão / no sonho ele se abre.” O poeta erra pelo mundo, sem saber o que busca ou o que quer: “Não sei se sou a caça ou o caçador. / Não sei quem me persegue ou o que persigo. / Que rosto é o teu – de amigo ou de inimigo? / Dia de amor ou noite de terror?” (72).

Esta incerteza é o processo do conhecimento, verdadeira *kinêsis* aristotélica, pois eivado de alternâncias de ser (*alloiôsis*), ora construído ora destruído, matéria em modificação ou inversão. Mas ao compreender a si mesmo, o eu-lírico de Ledo Ivo enfrenta o outro, geralmente distante e menor, encontrando uma saída de engajamento social:

Como os pobres são grotescos! E como os seus odores  
nos incomodam mesmo à distância.

. . .

Em qualquer lugar do mundo eles incomodam,  
Viajantes importunos que ocupam nossos lugares  
mesmo quando estamos sentados e eles viajam de pé.  
(29-30)

Esta atitude engajada chega mesmo a um certo tom de iracunda consciência diante do nosso existir na natureza, como acontece no poema “Imagem do Deserto”:

Aqui não há mais pássaros.

(...)

Aqui não há mais chuvas.

(...)

Aqui não há mais pássaros nem peixes.

Mas fomos nós que derrubamos as florestas e os rios.

(76)

“Vida de Sempre”, terceira parte de *A Noite Misteriosa*, é basicamente sobre Deus.

Antes dela, nas outras partes há uma ou outra referência a Deus, até mesmo um poema sobre “Deus e o Cavalo” e um outro “A um deus no México”. Entretanto, o eu-lírico procura explicar a relação do homem com Deus e a existência de Deus nos trinta e dois últimos poemas do livro. O Deus é católico, tripartite: “Ó ser perfeito e eterno, / soberano Senhor, / uma só em três pessoas” (91); mas a percepção do poeta é de um Deus onipresente: “[Deus] É o esquilo que atravessa a estrada / o musgo que esverdeia o portão / a flor aberta antes do tempo / no jardim onde as cobras se esconderam” (90).

O poeta pergunta “Quem é Deus?” (89), “Como é Deus?” (90, 94), “Onde está Deus?” (92, 99, 118), “O que é Deus?” (93), “Onde encontrar Deus?” (96), “Que cheiro tem Deus?” (98). Suas respostas têm um sabor moderno, adequado ao contexto da urbanidade recente e repleta de artefatos tecnológicos. A busca ontológica de Deus dá aos poemas de Lêdo Ivo a qualidade emotiva necessária à paz do moderno homem católico. O poema “Carteira de Identidade”, que abre esta última parte da obra, tem um quê de humor no próprio título. O eu-lírico organiza sua compreensão de Deus de maneira lógica, sob o referencial canônico, mas pelo estranhamento, afinal “Deus é a pergunta que responde a todas as respostas” (89). Deus é tanto o sinal vermelho no cruzamento da linha férrea como “o estalido da cama / no hotel que aluga vagas / para cavalheiros” (89); isto é, para o poeta Deus é ubíquo, onipresente: “Deus está em nada. / Deus está em tudo” (99).

A condição de Deus estabelece-se em símile com a paciência das formigas, o zumbido dos besouros, rastejando na terra como os vermes, mas que busca incessantemente os homens: “como um caracol / que caminha imperceptível / ao encontro dos homens” (95); afinal Deus está “em qualquer lugar. / Até na água leve / da usina nuclear” (96). Para este eu-lírico, “Deus não tem forma / e não tem cor” (97), e “cheira ao pão / partido pelos pobres / e jamais ao não / na boca dos ricos” (98). Interessantemente, o relacionamento de Deus com os homens é aquele da caça e do caçador, como se mutuamente procurassem-se: “Deus é caçador? / Ou é a nossa caça? / . . . / E aos homens arma / quando rompe a aurora / suas emboscadas” (100).

O poema “Seja Homem” é dirigido a Cristo, tratando-o proximamente, usando o pronome “tu”. Só como homem fica estabelecido o momento fundamental de sua

consistência ou essência – é o momento simbólico de construção da sua divindade, por sofrer o mesmo padecimento dos outros filhos de Deus, mas homens:

Como Deus não podias sofrer nem morrer  
mas para nos salvar te fizeste homem  
e sofreste e morreste  
pregado numa Cruz, derramando o teu preciosíssimo sangue.  
Ó mistério da Encarnação, do Filho de Deus feito homem!

Mas esta relação com Deus torna-se apropriada, tomada, verdadeiro ato de contrição, pois os outros – nós os homens – também sofrem iniquidades: “Ó mistério dos campos de concentração, dos filhos de Deus feitos homens / e que sofrem e morrem / nos fornos crematórios” (106). O poeta aqui deixa de lado o sentido maravilhoso da contemplação de Cristo e passa a perceber-nos todos capazes de também e igualmente sofrer. A agudeza de sua observação moderna traz para o leitor a reflexão sobre o Holocausto, sobre a barbárie, sobre a violência do ser humano.

Por vezes, o poeta transgride a exegese do texto bíblico ou da tradição católica, partindo para a contemplação da vida, quer pela defesa da inocência e do inusitado da presença de Deus:

É no estrume fresco  
e na alga viscosa  
que devemos ver  
os sinais divinos  
com os olhos de quando  
éramos meninos  
(107)

quer pela continuidade do pecado original, agora afirmado como produto do trabalho urbano, mas sempre afirmação da vida: “Adão e Eva desobedeceram a Deus no paraíso terrestre / comendo o fruto proibido. / Ó dourada maçã da vida! Dia e noite / pagamos os motéis com o suor do nosso rosto” (108). Em “O olhar de Deus”, o poeta vai mais longe, buscando na lógica da vida o momento em que confundem-se a crença e o desejo humanos:

A escada do bordel range sob nossos pés.  
na poeira do tapete esfiapado  
oculta-se o olhar de Deus.  
Não somos dignos de ter a altíssima testemunha  
na hora em que pecamos.  
...

Melhor fora que Deus não existisse  
e vivêssemos todos fora de Seu olhar incômodo.  
(119)

O poeta coloca seu leitor em dúvida, pois a premissa da onipresença de Deus traz consigo o princípio do julgamento de todas as nossas atitudes e do incômodo desta presença. Toda esta relação com Deus só existe a partir de um conceito fundamental para o homem – a sua finitude. Somente na contemplação da vida eterna, aquela em que restaremos julgados por nossa vida terrena, dá-se a construção de Deus. É neste instante fundamental, quando o homem vislumbra a eternidade, que pode haver a existência de Deus. Afinal, é no triunfo de Cristo/Deus sobre a morte que o homem mostra sua tragicidade, superando a agonia do sofrimento terreno.

Há de se observar, entretanto, que o poeta lida com a Morte, praticamente ao longo de todo o livro, por meio de sua negação, como se a Morte não pudesse ser, como se fôssemos também nós a ela superiores. Em “Túmulo”, o eu-lírico caracteriza a nossa presença além-da-morte, balizado pela luz do sol:

Alguém que parte deixa uma lembrança.  
(...)  
Só eu consigo ver este presente  
que o silêncio multiplica . . .  
E o meu dia  
é de sol e verdura e nega a morte.  
(21)

Em “Domingo pela manhã”, o poeta relata o murmúrio daqueles que estão mortos, em cemitério, por onde passam velozes os carros que não querem perder os domingos: “Além da morte ninguém nos esperava. / Encontramos afinal a paz definitiva.” Este momento de paz buscada ou encontrada é sinônimo de eternidade, a despeito da morte: “Hoje sou eterno e consinto em morrer” (32).

Já em “Advertência a um Gavião”, o eu-lírico mantém a negação da morte, exigindo a presença do dia e da vida: “Mesmo longe adivinho / uma árvore que tenha / frescor de fruto ou de ninho” (38). Esta Morte opõe-se, na tradição ao Amor: “se era um recado da Morte / ou a visita do Amor” (41). Esta inimiga dos homens, embora estrutura fundamental para a tangibilidade de Deus, não pode ser vitoriosa; em “Pela última vez”, o poeta católico revisita a primeira “Epístola de São Paulo aos Coríntios” (15:55),

introduzindo o verso “Ó Morte, onde está a tua vitória?” (42). O poeta argumenta ser pífia ou inválida a morte, permitindo àquele que morre um “renascer entre as estrelas” (42). Por outro lado, a Morte é o inevitável, a constância, sempre a esperar o momento de atacar: “Quem dorme perde a morte / que respira escondida / como a lebre no bosque” (58) ou “Nada esperes da morte: / é uma mão sobre o trinco / de qualquer porta” (61). Em “O Cofre das Almas”, o poeta retorna à consciência da pequenez da morte, ultrapassada pela certeza do vínculo com a vida – o Purgatório, momento em que os vivos intercedem pelos mortos, exclusivo constructo dos católicos, ressurge como necessário norte do poeta:

Mas a minha piedade pelos homens  
que mesmo após a morte ainda rastejam  
mendigando amor e compaixão  
termina por vencer os meus escrúpulos.  
E no guichê divino deposito  
a moeda do soberbo investimento.  
E no mesmo momento o Purgatório  
se abre e um turbilhão de almas ansiosas  
graças a mim alcança o Paraíso.

Esta relação do poeta com os constructos católicos aparece também em três outros poemas: “O Céu”, “O Purgatório” e “O Inferno”. No primeiro, está Deus a receber as criaturas, mas nenhuma delas é à Sua imagem ou à Sua semelhança, circunstância de reflexão: “A solidão de Deus espanta os mortos / cativos ao lazer do Paraíso” (109) – afinal só os não vivos lá podem estar. A seguir, o poeta mantém a tradição tomasiana de retratar a punição ou a purgação através do fogo – mas este se faz de maneira diferente, mais ligado ao sentido da vida: “Tua falta é leve. E em tua sombra de paina / fulge o sol matinal de Deus” (110). Na seqüência, trata da cela infernal, cuja porta “está sempre aberta, mas só para quem entra”, afinal só entra quem não pode estar em outro lugar. Pela distância da luz divina, só resta “O fogo feito de frio” (111) que fica a queimar as “almas incombustíveis” – mantém o poeta o recurso à tradição católica da perenidade do fogo infernal e da impossibilidade da cessação da punição, aparentemente também recorrendo a São Tomás de Aquino. O poeta mantém sua lógica emotiva, perguntando sobre o sentido da vida e da morte e da sua condição de católico. Sua franqueza é assustadora. Em “A Mão de Deus”, o eu-lírico pergunta se “Deus é a vida ou a morte” (103); afinal qual a função de Deus – *judex furiatius* (“Sua mão poderosa / brande uma foice”) ou *pater delenificus* (“ou Deus é incapaz / de matar uma mosca?”). Em tudo há

dois lados, na visão do poeta, embora haja um que parece medonho – mormente nestes tempos nossos de absoluta incompreensão do sentido da vida ou da morte: “E que mão direita / segura a espada / que decepa a cabeça / do homem?” (103). A consistência de Deus depende da compreensão da morte como instante de passagem, necessário, absoluto, mas ínfimo diante da eternidade – os pecados todos tornam-se menores diante da capacidade de purga de um Deus sempre misericordioso:

Certas manchas e faltas  
que enodoam o mundo  
como a sede e a fome  
estão acima do homem.

A miséria, a injustiça,  
a doença e o terror  
pedem a espada flamejante  
do mais puro amor.

Só Deus limpa e lava  
tudo com a água  
da límpida cisterna  
que é a vida eterna.  
(104-05)

Finalmente, um poema sintetiza a visão lógica deste católico moderno, mais arguto na crítica (ou auto-crítica) ao comportamento conforme os mandamentos e costumes bíblicos. Se em Gregório, pode-se encontrar o advogado a usar do dever-ser como próprio de Deus e não dos homens, em Lêdo Ivo, há um ser-vida, diferente, saboroso, filósofo das boas coisas, consciente de sua fragilidade e até mesmo da sua aderência ao plano de Deus. O poeta em “A Confissão” estipula seus pecados, como em oração, lembrando o clássico gregoriano “Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado”. A recolha das ações no momento do julgamento (em face da morte) denota a consciência do pecado, nada devendo, honrando pai e mãe, mas irado, mentiroso no dizer, de carne conspurcada até mesmo pelo desejo pela mulher do vizinho, medroso a invocar em vão nas viagens de avião o nome de Deus, apesar de amá-Lo acima de todas as coisas; o poeta não matou, não furtou e nem levantou falso testemunho, mas foi cobiçoso e faltoso à missa; na missa de defunto fala sobre qualquer assunto. Seu resguardo na Semana Santa é um desplante, pois não pode ser sacrifício se surge um badejo puxado a cerveja na bandeja. Diz o poeta ainda, refugando o fundamental arrependimento sincero:

Tudo lembro e relato neste instante:  
dividendo da vida, falsa-quilha  
com que cobri minha alma nas tormentas.  
Eu, pecador, confesso tudo a Deus  
que me conhece muito mais do que eu.  
Contrito e de alma leve, vou no vento.

Mas será que me arrependo?  
(116)

Lêdo Ivo em *A noite misteriosa* recupera uma tradição de ascese, mas temperada ao gosto moderno, com rompantes de engajamento social, sabedor das vicissitudes do ser humano nos descaminhos da história, galhofeiro na referência ao Amor; talvez na esteira do moleiro Menocchio, está o poeta consciente de que há um tanto de dificuldade de termos como absoluta verdade os dogmas e histórias bíblicos. Nossa interação com a infinitude, logo com Deus, é improvável: “Na planície desolada que as almas não cortejam, / no espaço pura – solidão divina – / Deus é. E é como se não fosse” (118). E a morte só pode ser aceita como silêncio, como o não, quando houver o nada, “após a palavra / que quis dizer tudo / e não disse nada” (122).